

/artigos

Sociedade do Cansaço e a Invisibilidade do infoproletariado: as fronteiras éticas que as novas tecnologias impõem a classe trabalhadora.

Leonardo Silveira Maika de Oliveira¹

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

<https://orcid.org/0000-0001-9368-4234>

Leo.silveira1999@gmail.com

Resumo: Nas últimas décadas, a transformação da economia e do mercado de trabalho tem despertado questionamentos éticos relacionados ao advento e à prevalência das novas tecnologias. Neste cenário, destaca-se a emergência do "infoproletariado", uma classe trabalhadora cada vez mais subjugada à lógica do trabalho digital e da economia do conhecimento. Paralelamente, essa transformação se dá em um contexto de "sociedade do cansaço", onde o ritmo acelerado e incessante das atividades produtivas impõe um esgotamento físico e mental às pessoas. Este artigo pretende explorar a interseção desses três conceitos: o infoproletariado, a sociedade do cansaço e a ética das novas tecnologias. Discutiremos as implicações da crescente digitalização do trabalho, a sobrecarga cognitiva e emocional dos trabalhadores, e as questões éticas decorrentes da automação e da exploração da força de trabalho neste contexto. Compreender essa complexa rede de relações é crucial para repensar práticas de trabalho mais justas e sustentáveis na era digital.

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná. Desenvolve pesquisa nas áreas de Filosofia da Tecnologia e as relações de Trabalho, Inteligência e Política Animal e Filosofia Economia.

Palavras-chave: Trabalho; Infoproletariado; Inteligência Artificial; Ética; Sociedade do Cansaço; Capitalismo; Economia.

Abstract: Abstract: In recent decades, the transformation of the economy and the labor market has raised ethical questions related to the advent and prevalence of innovative technologies. In this scenario, there is the emergence of the "infoproletariat," a working class increasingly subjugated to the logic of digital labor and the knowledge economy. At the same time, this transformation takes place in the context of a "society of fatigue", where the accelerated and incessant pace of productive activities imposes physical and mental exhaustion on people. This paper intends to explore the intersection of these three concepts: the infoproletariat, the society of fatigue, and the ethics of innovative technologies. We will discuss the implications of the increasing digitalization of work, the cognitive and emotional overload of workers, and the ethical issues arising from automation and the exploitation of the workforce in this context. Understanding this complex web of relationships is crucial to rethinking fairer and more sustainable work practices in the digital age.

Keywords:

Work; Infoproletariat; Artificial Intelligence; Ethics; Tired Society; Capitalism; Economy.

A busca pela excelência e o frenesi do desempenho têm sido os grandes motores da sociedade contemporânea, uma era em que o sucesso é medido pelo quanto se alcança em um curto espaço de tempo. A ânsia por se destacar, por ser o melhor, é uma constante na vida de muitos, e nesse contexto, surge a "Sociedade do Cansaço", um conceito tão perturbador quanto revelador, cunhado pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han².

A "Sociedade do Cansaço", como Byung-Chul Han tão acertadamente articulou, reflete a exaustão física e mental que surge dessa incessante busca pela excelência e pelo sucesso. Vivemos em um tempo em que o self-marketing, a auto-otimização e a autodeterminação são imperativos. A falha não é mais percebida

2 Byung-Chul Han é um filósofo sul-coreano reconhecido por suas reflexões profundas sobre a sociedade contemporânea e a cultura digital. Nascido em Seul em 1959, Han estudou metalurgia na Coreia antes de se mudar para a Alemanha nos anos 80, onde estudou filosofia, literatura alemã e teologia católica. Ele é conhecido por suas análises críticas da sociedade hiper conectada, do neoliberalismo e do consumismo, articuladas em obras como "A Sociedade do Cansaço" e "No Enxame: Perspectivas do Digital". Han atualmente leciona filosofia e estudos culturais na Universität der Künste Berlin (Universidade das Artes de Berlim). Seus escritos oferecem uma perspectiva única sobre os dilemas éticos e existenciais enfrentados na era digital.

como resultado de condições sociais ou sistêmicas, mas como uma deficiência pessoal. Assim, a culpa por não se destacar, por não ser o melhor, recai sobre o indivíduo, levando-o a um ciclo de auto exploração e, consequentemente, ao esgotamento.

Nesse contexto, é relevante introduzir a figura do "lumpemproletariado", um termo marxista que se refere à camada mais baixa da sociedade proletária, composta por indivíduos que estão à margem do processo produtivo, sem acesso regular ao trabalho e, portanto, sem uma posição definida na estrutura de classes. Em "A Ideologia Alemã", Marx e Engels descrevem o lumpemproletariado como uma classe "decadente", composta por "vagabundos, desempregados, malfeiteiros, etc." (MARX; ENGELS, 2007).

Em um mundo obcecado pelo desempenho e pelo sucesso, o lumpemproletariado é duplamente marginalizado. Se a sociedade valoriza o indivíduo com base em sua capacidade de produzir e se destacar, aqueles que estão à margem do processo produtivo são vistos como fracassados não apenas economicamente, mas também em sua essência como seres humanos. Eles são os "não produtivos", os "inúteis", os "preguiçosos" - rótulos que escondem as verdadeiras razões estruturais e sistêmicas de sua marginalização.

A conexão entre a Sociedade do Cansaço e o lumpemproletariado é que ambos são sintomas de um sistema que valoriza os indivíduos com base em sua produtividade e capacidade de desempenho. Enquanto os primeiros são vítimas da auto exploração em sua busca implacável pelo sucesso, os últimos são marginalizados por um sistema que os vê como desprovidos de valor. Em ambos os casos, o resultado é a alienação, o esgotamento e a desumanização.

Assim, ao refletir sobre a natureza exaustiva da sociedade contemporânea, é crucial reconhecer não apenas aqueles que estão cansados devido à pressão do desempenho, mas também aqueles que são excluídos e marginalizados por não se encaixarem nos moldes estabelecidos de sucesso e produtividade.

Embora possamos nos vangloriar de nossas conquistas tecnológicas e dos avanços da ciência, é inegável que pagamos um preço alto por essa incessante corrida pelo progresso. Somos uma sociedade exausta, onde cada indivíduo se torna seu próprio opressor e vítima de um sistema que glorifica o esgotamento como prova de dedicação. Foucault, em suas reflexões sobre o "regime disciplinar", traz à luz os mecanismos pelos quais as sociedades modernas controlam e moldam seus cidadãos. Em suas análises, ele não se concentra apenas nas instituições óbvias de poder, como prisões ou hospitais, mas também na forma como as práticas cotidianas e os discursos influenciam nosso comportamento e autopercepção.

Dentro deste contexto, a incessante busca pelo progresso e a valorização da eficiência e produtividade podem ser vistas como extensões desse regime disciplinar. A tecnologia, apesar de suas inúmeras contribuições, também se torna um meio de vigilância e autovigilância. Estamos constantemente conectados, monitorados e, ao mesmo tempo, nos monitorando, buscando atender a padrões muitas vezes inatingíveis de sucesso e realização.

A glorificação do esgotamento, como mencionado anteriormente, é um exemplo claro disso. No regime disciplinar de Foucault, o corpo e a mente são subjugados não apenas por forças externas, mas também internamente, através de normas e expectativas que interiorizamos. Assim, trabalhar até a exaustão não é apenas uma exigência do mercado ou do empregador, mas torna-se uma prova de nosso valor e dedicação. Em vez de sermos recompensados por nossas habilidades ou talentos intrínsecos, somos avaliados pela quantidade de energia e tempo que investimos, frequentemente à custa de nossa saúde e bem-estar.

Nesta perspectiva, a modernidade e seus avanços trazem consigo uma nova forma de dominação, mais sutil e muitas vezes autoimposta. A liberdade prometida pelo progresso tecnológico e científico é, paradoxalmente, acompanhada por novas formas de controle e disciplina.

A ideia de que a autonomia e o autocontrole são emblemáticos do neoliberalismo encontra eco em Han. Para ele, a era digital, com sua ênfase no auto

otimização e performance, cria um indivíduo que não é apenas um produtor, mas também um consumidor de si mesmo. O imperativo de 'ser o melhor' impulsiona o indivíduo a uma auto exploração incessante. Em vez de um Big Brother autoritário que exerce poder, cada um de nós se torna seu próprio vigia, perpetuamente atento à própria performance, imagem e marca pessoal.

A busca por eficiência, otimização e produtividade leva a uma paradoxal erosão da liberdade individual. No neoliberalismo, não é tanto o Estado ou outras instituições que nos oprimem diretamente; somos, em vez disso, compelidos por um mercado invisível de expectativas e normas que nos pressiona a nos adaptar, a nos encaixar, a nos superar constantemente. Esta mentalidade neoliberal transforma a vida em uma competição constante, onde cada momento é uma oportunidade para se destacar ou ser deixado para trás.

O resultado desta autoimposição constante é uma sociedade do cansaço, como Han descreve. Indivíduos sentem-se perpetuamente exaustos, não apenas fisicamente, mas mental e emocionalmente. A depressão, a ansiedade e outros distúrbios mentais tornam-se epidêmicos em uma sociedade onde o valor do indivíduo é determinado pela sua capacidade de produzir e competir.

Além disso, em uma era onde as conexões humanas são frequentemente mediadas por tecnologias, a noção tradicional de comunidade dissolve-se. No lugar de uma comunidade unida por valores compartilhados e experiências comuns, surge uma multidão de indivíduos isolados, cada um em sua própria bolha de auto otimização, frequentemente desconectados das realidades e lutas dos outros. Esta fragmentação social, por sua vez, perpetua a lógica da competição, já que o "outro" não é mais visto como um membro da comunidade, mas como um rival ou até mesmo uma ameaça.

Portanto, as promessas de liberdade e autonomia do neoliberalismo, em vez de conduzir a uma utopia de indivíduos empoderados, frequentemente levam a uma distopia de isolamento, exaustão e auto exploração. É essencial, assim, reavaliar o

que valorizamos como sociedade e considerar formas de resistir e remodelar a lógica que nos guia.

O cansaço, aqui, não é apenas físico, mas sim uma exaustão existencial que permeia todas as camadas da sociedade e nos leva a questionar nossos próprios valores e prioridades. Afinal, será que realmente sabemos para onde estamos indo, ou apenas corremos em círculos, encurtando a vida e o tempo que temos para viver?

Ao adentrar no intricado labirinto do trabalho na era do compartilhamento, onde a precariedade e a incerteza caminham lado a lado com a promessa de autonomia e flexibilidade. A uberização do trabalho, esse fenômeno que transforma as relações laborais e que reflete as mazelas da nossa sociedade contemporânea, é um tema que merece nossa atenção.

Ao mergulharmos no universo dos infoproletários³, somos confrontados com as angústias e dilemas que assolam a vida de milhões de trabalhadores no Brasil e no mundo. A crise econômica que se abateu sobre nosso país forçou muitos a buscar refúgio na economia colaborativa, uma terra prometida onde a flexibilidade e a possibilidade de ganhos ilimitados parecem compensar a falta de empregos formais.

No entanto, a realidade dessa terra prometida se mostra bem diferente do sonho que nos é vendido. A uberização do trabalho⁴ tem suas sombras e contradições, onde as noções de colaboração e compartilhamento escondem a precarização das condições laborais e a exploração do trabalhador.

³ Tipos mais comuns de Infoproletários: desenvolvedores de softwares, aplicativos e/ou jogos computacionais, criadores e/ou administradores de web Pages, redatores e revisores, analistas de sistemas, gerentes de projetos, consultores de TI, especialistas em bancos de dados.

⁴ A palavra "Uberização" é derivada do nome da empresa Uber, uma plataforma de compartilhamento de viagens que revolucionou a indústria do transporte ao conectar diretamente motoristas autônomos com passageiros através de um aplicativo de smartphone. A Uber foi fundada em 2009 e seu modelo de negócios inovador inspirou uma infinidade de outras empresas em diferentes setores, levando ao surgimento do termo "Uberização" para descrever esse fenômeno.

No contexto do trabalho, a "Uberização" descreve a transformação das relações de trabalho por meio da tecnologia digital. Isso se refere ao processo pelo qual as empresas transformam os serviços em tarefas que podem ser realizadas por trabalhadores independentes através de uma plataforma digital, em vez de serem realizadas por funcionários com contratos de trabalho regulares. Essas transformações têm implicações profundas para a estrutura do trabalho e para a vida dos trabalhadores, incluindo questões de direitos trabalhistas, condições de trabalho e segurança econômica.

A era digital trouxe consigo a promessa de revolucionar o mundo do trabalho. Através da tecnologia, novas formas de ocupação surgiram, permitindo flexibilidade e autonomia nunca vistas. A economia de gig, impulsionada por plataformas digitais como Uber, Rappi e Airbnb, é apresentada como um novo paradigma laboral, onde qualquer pessoa pode ser seu próprio chefe e escolher seus horários de trabalho. Porém, esta nova realidade, conforme abordado por Anselm Jappe em “A sociedade autofágica: capitalismo, desmesura e autodestruição”, apresenta nuances e complexidades que desafiam a noção tradicional de trabalho e sua importância para o indivíduo.

Jappe argumenta que, ao ingressar no mundo dos trabalhos por aplicativos, muitos acreditam estar assumindo o controle de suas carreiras, libertando-se dos constrangimentos e hierarquias do emprego formal. No entanto, essa sensação é enganosa. Em vez de verdadeira autonomia, o trabalhador se encontra à mercê de algoritmos impessoais e regras rígidas estabelecidas por plataformas que, em última análise, visam maximizar seus próprios lucros.

Na era da inovação e do empreendedorismo, as transformações no mercado de trabalho refletem uma paradoxal dinâmica entre autonomia e precariedade. Em um mundo que celebra startups e a vida nômade digital, a busca pela estabilidade através de um emprego formal é, muitas vezes, estigmatizada como uma representação de estagnação ou falta de visão. Essa narrativa popular, que exalta jovens empreendedores e desdenha daqueles que "se contentam" com o status quo, mascara uma realidade mais complexa e, frequentemente, mais sombria.

A consequência imediata dessa mentalidade é a desvalorização das proteções laborais. As garantias, como segurança no trabalho, férias remuneradas e benefícios de saúde, que foram duramente conquistadas ao longo do século XX, estão agora sob ameaça, sendo rapidamente erodidas em nome da "flexibilidade" e "inovação". Ao mesmo tempo, a classe trabalhadora que opera dentro da economia colaborativa, embora atraída pela promessa de autonomia, se encontra em um estado de limbo. Estes trabalhadores não desfrutam dos benefícios do emprego formal, e, ao mesmo

tempo, estão presos em uma incessante corrida para atender às demandas e expectativas das plataformas digitais, muitas vezes trabalhando horas exaustivas por remunerações insuficientes.

Esta nova classe de trabalhadores, que supostamente goza de maior "liberdade", pode ser comparada ao conceito marxista supracitado de "lumpemproletariado". São indivíduos no limiar, despossuídos das vantagens do trabalho formal e, simultaneamente, sem os meios de influenciar uma economia que, de muitas maneiras, os explora. A ilusória autonomia prometida pela economia gig frequentemente resulta em uma existência na qual o trabalhador é, paradoxalmente, tanto "independente" quanto altamente dependente de plataformas que determinam seus termos e condições.

É vital, então, uma redefinição de ambição na sociedade contemporânea. Em um mundo que valoriza constantemente a mudança, talvez o verdadeiro ato revolucionário seja buscar a estabilidade e reivindicar os direitos dos trabalhadores. A ambição não deve ser confinada apenas ao incessante desejo de inovar, mas também à busca por uma vida equilibrada, comunidade e bem-estar coletivo. Em vez de ver o desejo de emprego formal como um sinal de complacência, devemos reconhecê-lo pelo que muitas vezes é: uma busca por segurança e um futuro previsível. Desvalorizar isso é arriscar os alicerces que sustentam uma economia e uma comunidade saudáveis.

Portanto, ao refletirmos sobre a uberização do trabalho e a vida dos infoproletários, somos convidados a questionar os valores e as dinâmicas que regem nossa sociedade. Afinal, o que buscamos em nosso trabalho? Será que a autonomia e a flexibilidade são suficientes para compensar a precariedade e a exploração?

A sociedade do desempenho, essa criação tão curiosa e ao mesmo tempo perturbadora, cunhada por Byung-Chul Han, revela características que, confesso, são dignas de uma investigação longa e detalhada.

Destaco algumas dessas nuances dentro dessa lógica do Self-Enhancement que a sociedade do cansaço expõe diariamente suas vítimas:

1. Competitividade exacerbada: Neste grande circo da vida, somos todos artistas, mas não aqueles que se apresentam em busca de aplausos, e sim aqueles que se digladiam em um picadeiro onde só um pode sair vitorioso. A competição é a lona que cobre nossas vidas, da educação à carreira, e mesmo em nossas relações pessoais. A disputa é tão intensa que, sem perceber, nos tornamos prisioneiros desse espetáculo, no qual o sucesso é o ingresso mais cobiçado.
2. Culto ao trabalho: Nessa sociedade, o trabalho torna-se uma divindade à qual nos curvamos com fervor. Nossas vidas passam a orbitar em torno dessa entidade, como se nossas existências só fossem completas se abraçássemos o altar do labor. O "workaholic", aquele que sacrifica tudo em nome do trabalho, é visto como um devoto exemplar, cuja fé inabalável no deus-trabalho é digna de admiração.
3. Hiper conectividade: Meus caros, a vida nos arrasta para um emaranhado de conexões que nos mantêm aprisionados a uma realidade virtual e nos distânciam do que é palpável e humano. O mundo digital nos envolve, como um casulo, em uma teia de estímulos e comparações, fazendo-nos esquecer do que é genuíno. E nesse labirinto, buscamos incessantemente a aprovação alheia e um lugar no panteão do sucesso.
4. Mercantilização da vida: Ah, a lógica do mercado! A engrenagem que transforma tudo em commodity, incluindo as relações humanas, a educação, a saúde e a cultura. Tudo passa a ter um preço e um valor determinado pelo mercado. O ser humano, nessa engrenagem, é reduzido a uma peça a ser explorada, cuja função é apenas gerar lucro e produtividade.
5. Auto pressão e auto exploração: A sociedade do desempenho é um espelho que reflete as expectativas sociais e as projeta sobre nós mesmos, fazendo-nos cobrar e explorar a nós mesmos em busca de um ideal muitas vezes

inalcançável. Nesse processo, ignoramos nossos próprios limites e necessidades, cedendo ao esgotamento físico e emocional.

Portanto, a sociedade do desempenho é um fenômeno que revela as fissuras e contradições de nossa era, levando-nos a questionar a natureza do sucesso e da felicidade.

Podemos assim fazer uma relação entre a "Sociedade do Cansaço" de Byung-Chul Han e a ideia do "infoproletariado". Esses dois conceitos, embora aparentemente distintos, estão intimamente ligados e nos ajudam a compreender as dinâmicas e as contradições do nosso mundo hiper conectado.

O infoproletariado é um termo que descreve a crescente classe de trabalhadores precarizados que atuam no setor da informação e das tecnologias da comunicação. Esses indivíduos, em grande parte freelancers ou trabalhadores temporários, enfrentam condições de trabalho instáveis, baixos salários e a ausência de direitos trabalhistas. Essa nova classe trabalhadora é fruto da "gig economy"⁵ e da digitalização do trabalho.

O infoproletariado é um reflexo dessa sociedade obcecada pelo desempenho e pela produtividade, onde o trabalho precário e a auto exploração se tornam a norma. Na era da informação, somos constantemente bombardeados por estímulos e demandas que nos pressionam a estar sempre disponíveis e conectados. Essa hiper conectividade leva a uma exaustão mental e emocional que se alinha perfeitamente com o conceito de cansaço proposto por Han.

Além disso, o infoproletariado é resultado da mercantilização da vida e da lógica do mercado que permeia a sociedade do desempenho. Esses trabalhadores são vistos como recursos a serem explorados, e seu valor é medido pela capacidade de gerar resultados e lucros. A pressão por desempenho e a busca incessante pelo

⁵ A gig economy é resultado da revolução tecnológica no trabalho, caracterizada por trabalhadores temporários sem vínculos empregatícios, contratados para tarefas pontuais ou oferta de serviços digitais. Visa trazer praticidade às relações trabalhistas, sem a necessidade de horários fixos ou subordinação, incluindo consultorias, mentorias e freelancers contratados por plataformas ou indicações.

sucesso, características da "Sociedade do Cansaço", são elementos que se refletem nas condições de trabalho e na vida cotidiana do infoproletariado.

Em suma, a "Sociedade do Cansaço" e o conceito de infoproletariado estão intrinsecamente relacionados, pois ambos revelam a faceta sombria da nossa era digital e hiper conectada. Enquanto a sociedade do desempenho glorifica o esgotamento e a competição, o infoproletariado exemplifica as consequências desse sistema sobre a vida e o bem-estar dos trabalhadores. Ambos os conceitos nos desafiam a repensar nossos valores e a buscar alternativas para uma existência mais equilibrada e justa.

Já que nos perguntamos o que buscamos em nosso trabalho, refletimos sobre a vida desses infoproletários, pois é possível que, por exclusão, aquilo que eles obtém sendo infoproletários em nada se aproxima de uma vida boa! Infoproletários são trabalhadores que, em meio à era da informação e da economia colaborativa, enfrentam dilemas e desafios que afetam profundamente sua saúde mental e emocional. A vida dessas pessoas, que buscam sobreviver e se reinventar no universo do trabalho precarizado, é permeada por características que nos instigam a refletir sobre nossa própria condição humana.

Os infoproletários, como motoristas e entregadores, são compelidos a trabalhar em alta intensidade, ultrapassando a jornada de oito horas, para bater metas e ganhar dinheiro suficiente para pôr comida na mesa. Essa busca incessante por mais renda resulta em noites mal dormidas, tempo reduzido com a família e dificuldades em se preparar para uma futura recolocação no mercado de trabalho.

A criatividade, também é deixada de lado nesse cenário. Atividades repetitivas e monótonas não exigem muito da capacidade inventiva desses trabalhadores, limitando-se, talvez, a um bom atendimento aos clientes, que nem sempre se converte em maior remuneração.

Eis que surge a questão do controle. Os infoproletários são obrigados a agir conforme as regras das empresas para as quais colaboram. Descontentes, mas

submetidos à necessidade, essas pessoas continuam se sujeitando ao controle, muitas vezes inumano, imposto pelas companhias.

O poder disciplinar repressivo do capitalismo industrial é substituído pelo poder da liberdade no capitalismo tardio ou pós-industrial. [...] O capitalismo tardio ou neoliberal é um regime de poder muito mais eficiente, pois baseia-se no desempenho e na liberdade. Agora, os explorados se autodenominam 'projetos', sentindo-se livres, enquanto trabalham de forma autônoma e auto exploratória. (Han, Byung-Chul. A Sociedade do Cansaço, p. 23)

Não poderíamos esquecer de abordar as relações que envolvem a vida familiar, que é constantemente invadida pelo trabalho informal! O trabalhador se vê distante dos entes queridos mesmo estando em casa. Pensem no redator que trabalha à mesa da cozinha, mas só consegue produzir se não for interrompido pela esposa ou pelos filhos. O home office estruturado⁶ é um luxo a que poucos têm acesso.

Diante desse cenário, o sentido do trabalho se esvai, tornando-se mera atividade para ganhar dinheiro. Não há necessidade de gostar, criticar ou criar vínculos afetivos com colegas. Um aplicativo dita as regras e o trabalhador obedece sem questionar.

O trabalho tem sido, ao longo da história, uma maneira de se encontrar propósito, identidade e significado. É também através dele que muitos de nós estabelecem conexões e relações sociais. Porém, quando olhamos para a situação dos infoproletários, nos deparamos com uma realidade na qual a essência do trabalho é destituída de seu valor humano e convertida em mera transação mercantil.

⁶ O termo "home office estruturado" refere-se a uma modalidade de trabalho remoto em que o funcionário desempenha suas atividades profissionais a partir de sua casa, porém, contando com uma infraestrutura apropriada e planejada para essa finalidade. Esse tipo de trabalho vai além de simplesmente levar o trabalho para casa – envolve a criação de um espaço dedicado ao trabalho, equipado com as ferramentas necessárias, como computador, software, acesso à internet de alta velocidade e mobiliário adequado.

Além da infraestrutura física, o home office estruturado também implica uma gestão organizada das atividades de trabalho. Isso pode envolver a definição de horários específicos de trabalho, a utilização de ferramentas de gerenciamento de projetos e a comunicação eficaz com colegas e supervisores, entre outros.

Um home office estruturado é importante para manter a produtividade, a saúde e o bem-estar do trabalhador remoto. Ele permite separar as atividades de trabalho das atividades domésticas, o que pode ajudar a minimizar distrações e promover um melhor equilíbrio entre trabalho e vida pessoal. No entanto, também é importante considerar as questões de saúde e segurança, como a ergonomia do espaço de trabalho e a necessidade de pausas regulares.

Michael Sandel, em seu livro "O que o dinheiro não compra: os limites do mercado", explora justamente essa mercantilização de diversos aspectos da vida, mostrando como as lógicas do mercado estão invadindo áreas onde não deveriam estar. O trabalho, que tradicionalmente tem sido um espaço de autoexpressão, desenvolvimento pessoal e coletivo e busca por propósito, encontra-se em risco de ser reduzido a uma simples transação, especialmente para os infoproletários.

A essência do trabalho, em muitos contextos, deixou de ser sobre o que você pode contribuir ou como você pode crescer, mas sim sobre quanto você pode ganhar. Os infoproletários são submetidos a uma lógica de mercado extremamente agressiva, onde o objetivo final é a maximização dos lucros. Esta abordagem omite o fato de que existem certos valores humanos – como dignidade, propósito, conexão – que não podem ser comprados ou vendidos.

Por isso, quando olhamos para essa classe de trabalhadores, vemos uma desconexão profunda entre o que eles fazem e o que eles realmente desejam ou valorizam em suas vidas. O verdadeiro significado do trabalho está em encontrar propósito, em sentir que você está contribuindo para algo maior do que si mesmo e em estabelecer relações significativas. Infelizmente, em muitos trabalhos precarizados da era digital, essas nuances se perdem.

Isso não significa que o trabalho deva ser desprovido de aspectos mercantis; o salário e os benefícios são fundamentais. Mas se queremos uma sociedade onde o bem-estar e a satisfação dos trabalhadores sejam centrais, precisamos repensar como integramos os valores que o dinheiro não pode comprar no mundo do trabalho. Seja para o infoproletário, seja para o CEO de uma grande empresa, o trabalho é um aspecto fundamental da condição humana, e seu significado vai muito além do salário ao final do mês.

O entendimento da mercantilização do trabalho pode ser ainda mais aprofundado quando correlacionamos a (não) possibilidade da conquista de uma "consciência de classe". Karl Marx sustentava que os trabalhadores, ou proletários, sob o sistema capitalista, são explorados pela burguesia, que detém os meios de

produção. Contudo, uma das maiores tragédias desse sistema é que muitos trabalhadores não têm uma "consciência de classe" plena – não reconhecem a sua posição subjugada ou a possibilidade de coletivamente se opor à exploração.

Nesse contexto, os infoproletários podem não perceber plenamente a extensão da sua alienação. A incessante busca por maximizar os lucros despersonaliza e desumaniza o trabalhador, tornando-o uma engrenagem substituível na vasta máquina capitalista. Aqui, a mercantilização completa do trabalho obscurece a verdadeira relação de poder entre o trabalhador e o empregador, perpetuando um ciclo de exploração. Sem a devida consciência de classe, esses trabalhadores podem não se reconhecer como parte de uma luta coletiva maior.

A desconexão do infoproletariado com seu próprio trabalho e seus valores humanos centrais, e a subsequente busca por reconhecimento e validação, encontra eco na filosofia do reconhecimento de Axel Honneth. Para Honneth, o reconhecimento é fundamental para a realização pessoal e para a justiça social. A falta de reconhecimento, ou reconhecimento distorcido, pode levar a danos psicológicos e sociais. Os infoproletários, ao serem reduzidos a meras ferramentas na busca por lucros, enfrentam uma crise de reconhecimento. Suas contribuições não são devidamente valorizadas nem reconhecidas, levando a sentimentos de desvalorização e alienação.

Assim, uma solução para esta crise pode residir em cultivar tanto a consciência de classe entre os trabalhadores quanto promovendo espaços e sistemas que priorizem o reconhecimento mútuo. Apenas quando os trabalhadores são reconhecidos como seres humanos integrais – com desejos, esperanças e necessidades – e quando despertam para sua posição dentro do sistema e sua capacidade de transformá-lo, poderemos nos aproximar de uma sociedade onde o trabalho não é apenas uma transação, mas uma expressão profunda da humanidade.

Por fim, a ansiedade e a depressão se tornam companheiras cada vez mais frequentes dos infoproletários. A ausência de estrutura e remuneração adequadas

corroem a satisfação, fazem a vida perder a graça, afrouxam as relações humanas, anulam a esperança em um futuro melhor e, assim, vivem-se os dias por viver.

Eis que, diante de nossos olhos, a ponte Mapo, em Seul, Coreia do Sul, se ergue como um monumento triste e melancólico, um lembrete das consequências extremas que a depressão e a ansiedade podem causar no ser humano. Ah, meus amigos, essa ponte, outrora conhecida como a "Ponte do Suicídio", carrega em si a história de inúmeras almas desesperadas, que, despidas de esperança, entregaram-se ao abismo em busca de um alívio eterno.

Não é por acaso que essa triste realidade encontra paralelos com a condição dos infoproletários, aqueles trabalhadores desamparados pelo sistema, espremidos entre a necessidade e a falta de perspectiva, mergulhados na solidão de um mercado de trabalho cada vez mais desumano e precário.

Contemplando os números assustadores, o governo coreano decidiu agir, instalando mensagens de apoio e esperança, telefones de emergência e sistemas de monitoramento ao longo da ponte. Mas, meus amigos, será que medidas semelhantes podem ser aplicadas à realidade dos infoproletários?

Talvez, nesse momento, possamos refletir sobre a importância de tratar a causa, e não apenas os sintomas. Será que, assim como os esforços feitos para transformar a ponte Mapo em um símbolo de esperança, poderíamos buscar maneiras de criar um ambiente de trabalho mais justo e acolhedor para esses trabalhadores?

Ao adentrarmos na era da tecnologia, eis que nos deparamos com uma figura que, ao mesmo tempo, nos fascina e nos assombra: a inteligência artificial. Essas mentes artificiais, capazes de aprender e tomar decisões, estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano. E, será que essa maravilha tecnológica não traz consigo implicações na tal "sociedade do cansaço" e no fenômeno do infoproletariado?

A sociedade do cansaço, proposta por Byung-Chul Han, nos apresenta um retrato de uma época em que o excesso de informação e a busca incessante pelo

desempenho nos exaurem, nos levam ao limite de nossas capacidades. E a inteligência artificial, que a princípio surge como uma aliada, um facilitador em nossas vidas, acaba, inadvertidamente, contribuindo para esse esgotamento.

Essa mesma inteligência artificial que nos auxilia em tarefas cotidianas também invade o mercado de trabalho, gerando uma espécie de competição entre o homem e a máquina. E, nesse embate, o ser humano, temendo pela sua subsistência, se lança em uma busca desenfreada por se adaptar, por se tornar mais eficiente, como se fosse possível competir com um algoritmo.

É essa combinação explosiva entre a sociedade do cansaço e o infoproletariado, potencializada pela presença das inteligências artificiais, que nos faz refletir sobre o nosso papel no mundo e o tipo de sociedade que estamos construindo. Será que não é hora de repensarmos nossas prioridades, nossos valores e, quem sabe, reinventarmos nossa relação com o trabalho, com a tecnologia e, por que não, com a vida?

De acordo com Marx (2008, p. 508), "Assim como a ferramenta, a máquina é um prolongamento do órgão de trabalho do homem; sua diferença em relação à ferramenta é que, como mecanismo, ela possui mobilidade própria. A máquina é um meio de economizar trabalho e, nesse sentido, ela é um meio de combater a força de trabalho do homem. A máquina aperfeiçoa a ferramenta, suprimindo o trabalho manual do homem e convertendo o trabalho em simples superintendência e regulação do trabalho mecanizado."

Aqui estamos nós diante de um dilema que permeia nossa existência nesta era tecnológica: a relação entre as pessoas, a tecnologia e o trabalho. Será que devemos encarar a tecnologia como uma potencializadora de mais-valor e exploração, ou como uma possível fonte de emancipação?

Eis que surgem as inteligências artificiais, essas criações humanas capazes de aprender, adaptar-se e realizar tarefas antes exclusivamente desempenhadas por nós. Com a substituição de seres humanos pelas máquinas, uma inquietação se instala: como as pessoas se recolocarão no mercado de trabalho? Qual será o destino

daqueles que, outrora, eram fundamentais para o funcionamento das engrenagens econômicas e sociais?

Por que não vislumbrar a tecnologia como uma oportunidade de emancipação, de libertação das amarras que nos prendem ao trabalho exaustivo e, muitas vezes, desprovido de sentido? Se as máquinas assumem tarefas maçantes e cansativas, por que não aproveitar esse espaço criado para investir no desenvolvimento humano, na criatividade e na busca por uma vida mais rica em significados e realizações?

Claro que essa transição traz consigo desafios e obstáculos, e não podemos ignorar as dificuldades que encontrariamos pelo caminho. Mas é justamente aí que reside nossa capacidade de questionar, de reavaliar nossos conceitos e prioridades. A tecnologia, inclusive a inteligência artificial, pode ser um poderoso instrumento de emancipação, desde que a utilizemos com sabedoria e responsabilidade.

Como podemos nos reinventar diante das transformações tecnológicas? Como construir uma sociedade em que a tecnologia seja uma aliada na busca por uma vida mais justa, equilibrada e, sobretudo, feliz?

Que esse seja o nosso desafio, a nossa motivação para encarar o futuro com coragem e determinação, para criar um mundo onde a tecnologia e a humanidade convivam em harmonia, e onde cada ser humano possa encontrar seu espaço, sua realização e sua verdadeira liberdade.

* * *

REFERÊNCIAS

Antunes, R., & Braga, R. (2015). Infoproletários: Degradação real do trabalho virtual. Boitempo Editorial.

HAN, Byung-Chul. (2022). A Expulsão do Outro: Sociedade, Percepção e Comunicação Hoje. Petrópolis: Editora Vozes.

HAN, Byung-Chul. (2019). Sociedade Paliativa: A Dor Hoje.

HAN, B.-C. (2015). A Sociedade do Cansaço. Editora Vozes.

HONNETH, Axel. (2015). O Direito da Liberdade.

JAPPE, Anselm. (2021). A Sociedade Autofágica: Capitalismo, Desmesura e Autodestruição. Tradução de Júlio Henriques. 1. ed. São Paulo: Editora Elefante.

MARX, Karl. (2008). O Capital: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 24^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 508.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. (2007). A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. 1. ed. São Paulo: Boitempo.

SANDEL, Michael J. (2012). O Que o Dinheiro Não Compra.

Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região. (2019). Os infoproletários: Tecnologia e uberização do trabalho. Disponível em <https://spbancarios.com.br/05/2019/os-infoproletarios-tecnologia-e-uberizacao-do-trabalho>

Recebido 27/05/2023

Aprovado 03/11/2023

Licença CC BY-NC 4.0

